

da vontade dos professores,
a força dos professores

spinformação

MEMÓRIA

*“A memória sustenta os nossos gestos, alimenta o sentir, o entender e o agir dos indivíduos e dos povos.
Na resposta necessária aos estímulos do dia, a memória continuamente se renova e organiza.
Alguns acontecimentos perdem-se na penumbra, outros ganham novo relevo.”*

António Borges Coelho

O Sindicato dos Professores do Norte (SPN) completou 35 anos de vida. Uma vida cheia, pautada pela defesa de uma profissão docente digna e socialmente valorizada e pela defesa de uma Escola Pública Democrática de Qualidade, uma das exigências necessárias à construção de uma sociedade justa e solidária.

Foi nos dias 17 e 18 de Novembro de 1982, que com o lema “Construir o Sindicato para Defender os Professores na Escola e na Vida”, cerca de 5000 educadores e professores participaram na Assembleia Constituinte do Sindicato dos Professores do Norte (SPN) e, logo no ano seguinte, em 1983, o SPN esteve de pleno direito no 1.º Congresso Nacional dos Professores que viria a constituir a Fenprof, a maior e mais representativa organização sindical dos professores portugueses.

Os tempos de hoje, passados que são 35 anos, serão porventura tempos menos estimulantes. Mas são também tempos desafiantes: anuncia-se a possibilidade de “alterações” à Lei de Bases do Sistema Educativo, o que obriga desde logo à constituição de uma maioria parlamentar qualificada, fazendo todo o sentido lembrar que a que atualmente suporta este governo não chega; são anunciadas “reformas” na profissão, a proposta de “recomposição da carreira” tem subjacente a ideia de que nem todos terão acesso ao seu topo; a precariedade continua a ser o “modelo configurador” do mundo do trabalho; as escolas vão “passando lentamente” para a esfera dos municípios. Tudo isto num quadro marcado por uma ofensiva anti-sindical, com um governo que não quer reconhecer que todo o tempo trabalhado pelos professores deve ser considerado para a carreira e, mais preocupante ainda, com sucessivos governos a persistir na ideia de que a Educação é mais uma despesa do que um investimento.

São pois difíceis e complexos os tempos que aí vêm. Mas nós cá estamos na primeira linha, um coletivo firme num combate que é de todos, jovens e menos jovens, nas escolas ou na rua, construindo

respostas em unidade com a Fenprof e com a CGTP e em solidariedade com outros atores e movimentos sociais que teimam em acreditar que outro mundo é possível. Cá estamos fazendo a parte que nos cabe, exigindo o inalienável direito à negociação, exigindo respeito pela profissão que dá o rosto ao futuro e exigindo responsabilidade da parte de quem nos governa.

Se acontecimentos há que se perderam no tempo, outros há que ganham novo relevo, porque a memória assim o “determina”. E porque é tempo de aniversário, portanto tempo de balanço e de memória, cabe com toda a justiça uma palavra de apreço aos jovens professores, eventuais e provisórios, que logo no início dos anos 70, ainda antes do 25 de Abril, lançaram a semente do que virá a ser o sindicalismo docente. Começam por reivindicar o pagamento do salário nas férias grandes, organizando-se sob a designação de “Grupos de Estudo” e, na transição de 1973 para 1974, colocam no centro da sua atividade a exigência da liberdade de associação, o germen dos futuros sindicatos de professores. Disto e de muito mais nos falamos os depoimentos dos sócios fundadores que responderam ao nosso desafio, lembrando que, logo no momento da formação do SPN, se procurou trazer de novo para o sindicalismo docente do Norte os princípios que nortearam a ação dos Grupos de Estudo nos últimos anos do fascismo em Portugal: independência, unidade, democracia interna, dinâmica de ligação às escolas, respeito pelas opiniões dos sócios. Podemos pois afirmar que o Sindicato dos Professores do Norte, de algum modo, “nasceu” ainda antes do 25 de Abril, o que não o impede de ser, e é, um sindicato virado para o futuro, capaz de se bater por ideias novas, de arriscar soluções, de assumir compromissos, de experimentar novos caminhos.

VIVA O SINDICATO DOS PROFESSORES DO NORTE!

Henrique Borges

spinformação
separata edição número 75

Diretora Manuela Mendonça · **Editor** António Baldaia

Conselho de Redação Abel Macedo, Henrique Borges, José Manuel Costa, Rogério Ribeiro, Rogério Reis

Colaborador Permanente José Paulo Oliveira

Design Gráfico Ana Alvim · **Design Capa** Adriano Rangel **Fotografia** Henrique Borges · **Impressão** Multiponto, S.A.

Propriedade Sindicato dos Professores do Norte (SPN) · **Redação e Administração** Rua D. Manuel II, 51/C - 3º - 4050-345 Porto · Tel.: 226 070 500 · Fax: 226 070 595/6

E-mail spninfo@spn.pt · **Site** http://www.spn.pt

Tiragem média 15.000 exemplares · **Registo no ICS** 109963 · **Depósito legal nº** 238855/06 · **Distribuição gratuita aos sócios do SPN**

Os artigos assinados não refletem, necessariamente, as opiniões e os critérios da Direção do SPN.

O PROFISSIONALISMO DOCENTE TEM O SPN NO SEU ADN

Homens e mulheres de debate e de ação deram passos decisivos na fundação desta organização sindical. O profissionalismo docente de hoje tem o Sindicato dos Professores do Norte no seu ADN. Falar desta experiência traz muitos pensamentos que importa sistematizar. A vida do sindicato acompanha a minha vida em busca de modos de intervenção que começaram ainda no Sindicato dos Professores da Zona Norte (SPZN), mas que só se concretizaram com o nosso sindicato.

Os caminhos que o SPN percorreu deixam marcas indeléveis na construção da Escola Pública e na definição de políticas educativas num *ongoing process*, instável, interativo, que atravessam diferentes leituras que o Estado tem criado da sua própria função; o sindicalis-

mo tem sido também ator e espetador do surgimento de modelos profissionais diversificados;

Vivemos com o SPN, nestes 35 anos, a globalização de saberes, de modelos e exigências muitas vezes ditadas pelas economias. São décadas de reinterpretação contínua do papel da educação.

O SPN tem aparecido sempre ao lado de quem luta contra as criativas tendências de privatização da educação. Foi com o SPN que houve condições para a Fenprof.

Foi com o SPN que começou a batalha sindical de construção de um perfil profissional para os educadores de infância – o sindicato teve neste setor as grandes iniciativas de massas.

É com este sindicato que se terá de construir o futuro, e há muito a fazer.

IMPÕE-SE UMA AFIRMAÇÃO DO VALOR DA ATIVIDADE DOCENTE

Vive-se hoje um mundo de grandes e profundas mudanças que colocam aos professores exigências acrescidas na condução do processo educativo na escola. Ao mesmo tempo, contraditoriamente, são colocados espartilhos, os mais diversos, à sua ação. Nomeadamente, excessos de burocracia; procedimentos e trabalho administrativo de outras áreas que não as suas; responsabilização por processos de desenvolvimento dos educandos que dizem respeito a técnicos que a escola deveria incorporar, entre tantas outras tarefas que, por ausência dos respetivos recursos na escola, são dirigidas aos docentes. Sobrecarrega-se o quotidiano das escolas com rituais que não têm a ver com a regulação do processo formativo, segundo calendários orientados para prestação de informação ao *exterior*.

Vive-se o resultado de uma pretensa cultura de avaliação insidiosamente introduzida para questionar a escola, vulgarizando-a com exigências de um qualquer serviço indiferenciado, desqualificando o seu serviço em última análise, diminuindo a sua capacidade de direção, a sua autonomia. Isto foi feito, e é, anunciando sempre o seu contrário, a pretexto de um *escrutínio e controlo externo*, desprestigiando o seu trabalho, o seu estatuto e o dos professores. Intencionalmente. Esta sistemática e insidiosa política de *desqualificação* do serviço público de educação e dos professores, alimentada nos últimos governos, constituiu um dos maiores ataques à escola, à educação, e originou perdas relevantes difíceis de reverter.

A especificidade e dignidade próprias da atividade docente foram, desde o início da formação do Sindicato dos Professores do Norte, a bandeira da sua ação. Foi apoiados nessa razão que os professores constituíram um corpo especial da Administração Pública e viram reconhecida uma carreira equiparada à dos mais elevados quadros técnicos do Estado.

Tudo o que destas conquistas, deste reconhecimento social das suas funções se foi perdendo, é uma perda substancial da Educação.

A dignidade da função docente – bandeira do SPN e demais sindicatos que formaram a Federação Nacional dos Professores (Fenprof) – é um fator essencial à qualidade da formação garantida constitucionalmente pela escola pública.

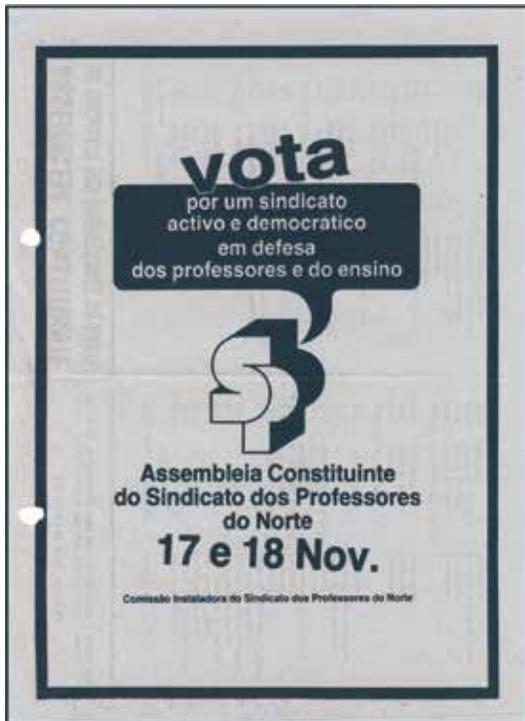
A escola pública é o lugar por excelência de incorporação do património humano, dos valores culturais que ele transporta, bem como dos resultados do progresso tecnológico e científico e de alterações sociais que se vão verificando. Aos professores exige-se, portanto, a condução dos processos de formação contextualizados e sustentados nesta complexidade que suporta o conhecimento humano. Para que possam cumprir este elevado desígnio social, os professores têm de dispor das necessárias condições para o acompanhamento, reflexão e formação permanente que esta realidade impõe.

Não é possível continuar a alienar o tempo de trabalho docente *cercando-o* de tarefas que não são suas ou *condicionando* o seu tempo e a liberdade da sua gestão, minando a sua responsabilidade, diminuindo a sua autoridade.

O grande desafio que se coloca hoje à atividade das organizações que representam os docentes – ao SPN – é o da recuperação do papel único e insubstituível da escola, da sua autoridade. Da ‘libertação’ dos docentes para o exercício das suas funções únicas.

Impõe-se uma ação corajosa de afirmação do valor da atividade docente, da sua perceção por outros destinatários da formação – pais e encarregados de educação em primeiro lugar.

A clarividência do valor social fundamental que legitima a *escola* e do estatuto próprio dos professores foi a razão primeira da criação do SPN e será sempre *a condição da sua afirmação*.



08 • MARIA JOSÉ GONÇALVES

OLHO PARA TRÁS E SEI QUE VALEU A PENA!

O SPN nasceu da necessidade urgente, da vontade firme de criar solidariedade e liberdade, do sonho, sempre o sonho..., de expandir e aprofundar a democracia.

Tínhamos saído das trevas fascistas e não queríamos largar a mão da luz que nos surgiu finalmente. Era preciso que fôssemos muitos a lutar por um espaço que desse a voz a todos os professores. Espaço esse onde coexistissem diferentes opiniões e tendências, mas onde houvesse uma só vontade – dar dignidade profissional a uma classe que foi, é e terá sempre de ser a força do saber.

Não quisemos, nunca, que o SPN fosse o terreno de disputas político-partidárias, mas de discutir e construir política sócio-profissional, política educativa e política cultural, sabendo que o nosso horizonte profissional é muito abrangente.

Ao professor cabe o papel ímpar, numa sociedade democrática, de ajudar a construir, dia após dia, mentes cultas, livres e solidárias. Por isso, temos de continuar atentos e lutar pela dignificação da classe, o que, evidentemente, passa também por lutar por justa remuneração e horas de trabalho que não passem as fronteiras da exploração. Temos de continuar a exigir estarmos no centro do pensar educação. Nunca, mas nunca, deixemos que seja o 'outro' o decisor do ato de ensinar/educar.

“As árvores crescem sós. E sós florescem. / Começam por ser nada. Pouco a pouco / Se levantam do chão, se alteiam palmo a palmo. // Crescendo deitam ramos, e os ramos outros ramos, / e deles nascem folhas, e as folhas multiplicam-se. // Depois, por entre as folhas, vão-se esboçando as flores. / e então crescem as flores, e as flores produzem frutos, / e os frutos dão sementes, / e as sementes preparam novas árvores.”

[António Gedeão, «Novos Poemas Póstumos»]

Faço parte dos que há 35 anos calcorreamos caminhos, noite e dia, cansados, mas sem sentir o cansaço, para chegarmos a todas as escolas e apostolarmos a urgência de criarmos o nosso território de identidade e reivindicação, para ouvirmos os outros, para criarmos vontades, para darmos vida a um sindicato que realmente representasse os professores.

Aqui estamos hoje, em festa, mas sempre atentos ao futuro e em guarda. Olho para trás e sei que valeu a pena, companheiros do sonho e do combate!

PRIMEIRAS REUNIÕES FEITAS NO ESCRITÓRIO DE UM AMIGO

Há 35 anos, por esta altura, um grupo que entendia que os professores do Norte tinham direito a ter um sindicato que os defendesse já tinha feito dezenas de reuniões em que apareciam cada vez mais docentes, descontentes com a situação existente.

Primeiro, as reuniões eram feitas no escritório de um amigo que cedia as instalações pela noite, e depois em salas de escolas. Esta situação não se podia manter, era preciso uma sede própria e ela surgiu com uma moradia na rua António Carneiro. Era um local que tinha escolas e o proprietário era conhecido e não conseguia alugar o imóvel. Mandou-nos para um advogado. Foram lá dois colegas

que vieram pelo mesmo caminho porque o sindicato não tinha existência legal e não podia haver arrendamento.

Voltaram lá, mas passei a fazer parte do grupo. O douto advogado repetiu a farsa tentando enxovalhar-nos. Foi o suficiente para eu perder a paciência e informá-lo que não lhe admitíamos aquela conversa porque éramos pessoas idóneas e proprietárias e peguei no meu livro de cheques e perguntei-lhe como o queria endossado... Virou-se o feitiço contra o feiteiro, trouxemos o contrato de arrendamento nos nossos nomes e eu paguei os dois meses de renda. A partir daí foi sempre a subir e a termos sedes próprias.

35 ANOS DE FUTURO

Nenhum futuro se pode construir sem estar alicerçado num passado, porque do nada só nasce o nada; só quem reconhece o seu passado é capaz de construir um futuro que seja a progressão para alcançar os objetivos que se definiram.

Por isso, na data em que se comemoram os 35 anos do *Sindicato dos Professores do Norte*, ao mesmo tempo que se projetam os próximos 35, quero começar o meu testemunho no 25 de Abril de 1974, data da libertação da ditadura que nos corroía por dentro e por fora.

Logo no 1º de Maio, a Praça e a Avenida da Liberdade do Porto encheram-se de gente, de canto e de encanto, de sonho e realidades, de reivindicações. Mas, sobretudo, de confiança. E foi aí, nesse primeiro 1º de Maio que apareceu um cartaz anunciando o Sindicato dos Professores do Norte. Tenho essa fotografia, onde se vê, empunhando o tal cartaz, o nosso colega Costa Carvalho, sócio 100 do futuro SPN – para a história das recordações, lembro que a atribuição dos primeiros números de sócio foi feita por sorteio entre os primeiros 45 membros da Comissão Directiva, mas ficou decidido, nessa mesma data, que o número 100 seria atribuído ao Costa Carvalho.

O Costa Carvalho e esse cartaz representavam os *Grupos de Estudo do Pessoal Docente* do Ensino Secundário, que, com muito risco, atuaram ainda durante o fascismo, concretizando o sonho da sua luta – criar um órgão de classe que defendesse os professores.

E aí estava como deveriam ser os sindicatos de professores: regionais, para poderem estar junto dos professores e das escolas; únicos, para juntar forças e impedir elitismos que poderiam ser fatais naqueles tempos.

Nesse tempo todos se quiseram sindicalizar. Uns porque sim, outros porque ficava mal se o não fizessem, outros por combate político, e ainda outros por consciência de classe. Enfim, fosse por que razão fosse, a participação era a palavra de ordem e ninguém queria ficar para trás. Ainda me recordo das reuniões até às quatro e cinco

da madrugada, a discutir os estatutos do sindicato – os estatutos, meu deus!

Eu era um jovenzito no meu segundo ano de docência quando o 25 de Abril aconteceu. Convencido de que era capaz de mudar o mundo, pois então, fui logo nomeado delegado sindical na escola onde estava a lecionar. E foi exercendo a ação de delegado sindical que percebi a razão maior para se ser sindicalizado: dignificar a profissão. Pode haver múltiplas razões, e todas elas justificadas, para se ser sindicalizado. Mas, para mim, a maior, a que sempre me moveu, foi a dignificação da classe docente. Não me via pertencer a uma profissão, que eu reputava tão importante, sem lutar para ter as condições de trabalho necessárias, uma remuneração condigna e um respeito social elevado.

Esta é uma luta contínua e sem fim, como se de um horizonte (utopia?) se tratasse. Porque, por cada vitória alcançada, logo outros desafios se levantam. Por cada obstáculo ultrapassado, logo outros se advinham mais à frente.

Mas para isso temos ainda mais 35 anos. Com novos professores e novos dirigentes, pois claro! E por isso, este exercício de comemorar o aniversário do sindicato é sempre um passar de testemunho. Porque ninguém é eterno ou insubstituível (esses estão todos no cemitério...), mas todos somos convocados para a luta e para respeitarmos o que foram as lutas dos que nos precederam.

Neste 35º aniversário, quero dar os parabéns aos atuais dirigentes do SPN. Porque depois de um período conturbado – como sempre existem ao longo de todas as histórias – souberam encontrar a unidade necessária para enfrentar os próximos 35 anos. Não sei se nessa altura ainda cá estarei para escrever uma nota, mas contem comigo para o ano que vem.

14 • MANUELA COELHO



TEMOS O DIREITO A SABER O QUE NOS DIZ RESPEITO

A fundação do nosso sindicato vem-me à cabeça associada ao período que a antecedeu, marcado pela preparação das eleições para os Corpos Gerentes do Sindicato dos Professores da Zona Norte (SPZN), do qual fazia parte. Coube-me integrar a Comissão Eleitoral (CE) para esse ato, como única representante da lista opositora à da direção. Foi um período de grande sofrimento para mim, já que me movia em terreno adverso, sozinha, inexperiente, com o peso da responsabilidade de vigiar o processo eleitoral de forma a que todas as disposições estatutárias fossem cumpridas e sem qualquer dispensa de aulas em momento algum.

Rapidamente me dei conta de que a direção do SPZN exercia discricionariamente o poder que tinha, ao que acrescia o facto de ter toda a máquina institucional ao seu serviço e, no caso vertente, a maioria na CE. Daí que qualquer argumentação minha, por mais fundada e pertinente que fosse, ficasse derrotada por uma proposta que, de forma displicente, não a tinha minimamente em consideração. Foi o caso de se enviarem os cadernos eleitorais aos conselhos diretos das escolas e não aos delegados sindicais, onde estes existiam; a informação que me foi dada pela presidente da CE, de que, nas candidaturas, só se verificava a situação dos candidatos, fazendo-se o resto por amostragem, ao mesmo tempo que acidentalmente surpreendi a verificação exaustiva das candidaturas da lista *Por um Sindicalismo Ativo* (a nossa); o subsequente desaparecimento da chave do armário onde eram guardadas as candidaturas, bem como a declaração escrita – que ainda guardo – da proibição de fotocopiar listas de candidatura, impedindo-me, assim, de fazer o meu trabalho; o caso, paradigmático, do critério de atribuição de letras às listas candidatas (que sempre se fez alfabeticamente, por ordem de entrada, e assim acontecera, rigorosamente, com as listas candidatas às subcomissões eleitorais), que seria renegado, então, por força do argumento de que os professores – habituados a que a letra A correspondesse à lista da direção – pudessem ficar confusos... Seguiram-se episódios que culminaram na retirada da nossa lista, tantos eram os factos comprovativos da total ausência de isenção por parte da direção do SPZN na condução do processo, sempre, alegadamente, coadjuvada no plano jurídico por alguém que, invariavelmente, conseguia detetar correspondência entre os critérios por si usados e o “espírito da Lei” – que não a letra.

Tudo isto é passado, mas tenho para mim que não deve ser ignorado. Temos o direito a saber o que nos diz respeito. E porque a memória é curta e o futuro imponderável, além destas anotações, guardei registos que fiz nessa época e que as atas da CE corroboram. Para quem isso possa ter interesse.

O desgaste emocional foi de tal sorte que a memória seguinte é já na sede do recém-formado Sindicato dos Professores do Norte (SPN), na Rua António Carneiro, tentando dar organização ao caos bibliográfico-documental do nosso saudoso Tó Zé da Costa Carvalho – sindicalista exemplar, lutador pela justiça, de enorme generosidade, que defendeu como poucos a causa dos professores, e a quem aproveite para prestar homenagem.

Não ficava contente comigo se não prestasse a minha homenagem, também, a outros camaradas que marcaram fortemente a minha vida e a do nosso sindicato. Todos podem ser caracterizados em conjunto como seres de exceção, de enorme inteligência, imensa bondade, sentido de justiça e generosidade; a eles se devem, na história do nosso sindicato, a orientação para o rumo certo. Vivam os testemunhos de vida deixados pela nossa Corália Melo da Mota Pinto e pelos nossos Adriano Teixeira de Sousa e José Paulo Serralheiro, pessoas de uma grandeza que me comove, por serem ao mesmo tempo tão simples, tão indiferentes às luzes da ribalta e a compensações que não as que advêm das conquistas das lutas pelos seus ideais.

Resta-me desejar que as gerações atualmente em atividade, e as futuras, se dediquem ao estudo e análise de tudo o que a nossa profissão implica, em primeiro lugar: o ser humano, suas pechas e virtudes e como apelar a estas últimas para que se imponham no desenvolvimento de crianças e jovens; a matéria que lecionam e a sua ligação com a vida, com o dia a dia, no sentido de os formar criticamente, com a noção do global de que tudo tem a ver com tudo. Desejo-lhes, ainda, que participem nos destinos da profissão, quer através dos órgãos da escola, quer do SPN; que não aceitem passivamente o que lhes impõem, mas que o façam conhecendo alternativas. Para isso, é preciso estudar, refletir, discutir... Mas vale a pena. Que se respeitem a si próprios, para serem respeitados. E que sejam felizes.



15 • ASSUNÇÃO SILVA

A UNIÃO E A PERSISTÊNCIA FAZEM A FORÇA!

Muitos anos volvidos, eis-me a tentar descobrir, no mais recôndito das minhas memórias, o 'eu e o SPZN, eu e o SPN'.

Embora vivido intensamente, muito se apagou ou esbateu. Apesar disso, apraz-me afirmar que dificilmente consigo destrinçar o sindicato da minha carreira profissional, iniciada numa época dominada pela insegurança e pelo medo de reivindicar: estávamos espartilhados, amordaçados... Sindicato, nem vê-lo, ou sequer pensá-lo!

Um grupo de mais de duas pessoas era um ajuntamento... Mas havia uma necessidade urgente de mudança, e alguns jovens professores provisórios, conscientes de que era preciso remar contra a maré, estavam dispostos a fazê-lo, mesmo correndo o risco de soçobrar. Deste modo se constituiu o *Grupo de Estudo dos Professores do Norte*.

Na altura, o trabalho e a correspondente pequena remuneração só estavam garantidos de outubro a finais de junho, podendo os diretores mais 'compreensivos' contratar até 15 de julho. Nos restantes meses, desemprego... E todos os anos se repetia o ciclo.

Finalmente, foi encontrado um local para, clandestinamente, nos reunirmos: uma escola de dança (não recordo o nome), na cave de um prédio da Rua Arquiteto Marques da Silva; as reuniões começavam às 21h30 e iam pela noite dentro, sempre com receio de visitas indesejadas e silenciadoras...

Entre as muitas partilhas, descobrimos que a imprensa estrangeira credenciada em Portugal desconhecia a situação dos professores. Mas colocava-se a questão de como a levar ao conhecimento público. Ora, nos 'precisa-se' dos jornais da época, a censura tinha de 'deixar passar' diariamente um certo número de anúncios a pedir emprego...

Aproveitando esta realidade, criámos uma comissão que reunia as verbas necessárias para custear os anúncios e diariamente enviar o número suficiente para publicação. O teor era "*professor de História solicita emprego compatível para os meses de julho, agosto e setembro*". De uns para os outros só mudava o nome da disciplina. O impacto foi tremendo, com a imprensa estrangeira 'a cair' no Ministério da Educação. com pedidos de esclarecimento: "então, em Portugal, os professores não ganham nas férias? Que escândalo!". Meses depois, um decreto-lei garantia a quase todos o vencimento no período de interrupção letiva.

Graças ao contributo, à coragem e ao empenho do *Grupo de Estudo dos Professores do Norte* passou a haver vencimento todo o ano e implantou-se o embrião de um sindicato: o Sindicato dos Professores da Zona Norte (SPZN). Houve que criar tudo a partir do

zero – estruturas, sede (a primeira das quais num andar da Rua do Luso, próximo da atual Escola Secundária Rodrigues de Freitas) – e alargar o âmbito de atuação aos colegas do ensino particular e a todos os setores/níveis de ensino.

Entretanto, com o 25 de Abril de 1974, em grandes e acesos debates evitados de pendor ideológico e realizados em amplos espaços repletos de participantes (como o pavilhão do Académico, na Rua de Costa Cabral), discutiam-se problemas e reivindicações, sendo os consensos muito difíceis de alcançar.

Mais tarde deu-se a cisão [*no seio do SPZN*] e formou-se o Sindicato dos Professores do Norte (SPN) tendo a luta sindical continuado exigente e desafiadora: por condições semelhantes às dos outros licenciados da função pública, pela dignificação da profissão docente, pela melhoria das condições de ensino...

Acontecimentos que me ficaram indelevelmente gravados, talvez por terem sido os primeiros de uma longa viagem percorrida com cansaços, insucessos e alegrias. Portanto, muito mais haveria para contar...

Depois de ter passado pelos corpos gerentes dos dois sindicatos (estive na génese no SPZN e continuei a minha vivência sindical no SPN), passei a delegada sindical, cargo que desempenhei até à aposentação. Aliás, apraz-me confidenciar que ainda hoje continuo sindicalizada e, apesar de um maior distanciamento, acompanho todo o pulsar dos problemas dos professores. Daí, sentir-me extremamente revoltada sempre que ouço dizer que os sindicatos não são necessários!!!

A minha vida profissional é testemunho contrário. Foi através da ação sindical que deixei de ter uma profissão que era um 'sacerdócio', de lecionar em salas com um balde a apanhar as pingas do teto, de abordar assuntos 'politicamente corretos' para o momento sociopolítico, mas cientificamente desatualizados (como o criacionismo!), ... Muitas vezes, não foi possível ir mais longe no caderno reivindicativo porque outrem assinava, boicotando – o que, aliás, continua a verificar-se nos nossos dias, salvo algumas nuances. Apesar disso, confio que os colegas da atual e das novas gerações, conscientes da importância do sindicalismo, se inscrevam ainda em maior número e cerrem fileiras em torno do SPN, pela dignificação da carreira docente e de um ensino público de qualidade. A união e a persistência fazem a força!



18 • ANA MARIA BRITO JORGE

FAZER DOS 35 ANOS UM NOVO PUNTO DE PARTIDA

"O debate enriquecedor, a discussão aberta e sem discriminações, a reflexão comum, iniciando-se desde já e por todo o lado, envolvendo e mobilizando a classe, encarregar-se-ão de definir os passos e os caminhos a percorrer na construção dessa nova vida sindical, dessa nova realidade."

Este é o penúltimo parágrafo da *"Proposta à Reflexão dos Professores da Zona Norte: para ler e discutir"*, documento aprovado pela Comissão de Professores para a Defesa da Democracia Sindical, em 9 de julho de 1982.

Passaram já mais de trinta e cinco anos e consigo, mesmo assim, reviver com nitidez o entusiasmo posto naquelas decisões fundadoras e a convicção e vigor com que assumimos – nesses momentos que haveriam de ficar para a história do movimento sindical docen-

te – cada proposta, cada compromisso que as/os educadoras/es e professoras/es do Norte haveriam de tomar como seus e, a partir deles, construir o seu novo e verdadeiro sindicato.

Celebrar um aniversário do Sindicato dos Professores do Norte (SPN), em particular este 35º, é revisitar as raízes, afirmar a memória de um percurso coletivo riquíssimo, recordar tantas e tantos companheiros de jornada, os combates, as vitórias que mudaram o futuro, os laços nunca destruídos...

Celebrar estes 35 anos é, também, fazer deles um novo ponto de partida, para um SPN que nunca esmoreça, que nunca desista do "debate enriquecedor e da discussão aberta", que continue a ser o reflexo da vontade e da ação dos professores do Norte, tal como foi afirmada nos dias 17 e 18 de novembro de 1982.

“SOZINHA NÃO VOU A LADO NENHUM”

Há 35 anos, estava a dar aulas na Escola Preparatória de Felgueiras. Um mês depois da votação para a criação do Sindicato dos Professores do Norte (SPN), uma colega veio ter comigo e, sem mais nem menos, disse-me:

- Nunca entrarei para o sindicato. Estou habituada a resolver os problemas sozinha.

Uns meses depois, veio ter comigo num intervalo e disse-me:

- Quero sindicalizar-me...

Surpreendido, respondo:

- Mas tu disseste...

- ... cheguei à conclusão de que sozinha não vou a lado nenhum.

Exemplar, não?... Como canta Benjamin Clementine, *dreamers stay strong*.

SPN IMPRESCINDÍVEL PARA A DEFESA DOS DIREITOS DOS PROFESSORES

Para mim, na sua origem, o Sindicato dos Professores do Norte (SPN) significou o reassumir de uma tradição histórica. O retomar do papel de um sindicato herdado do movimento Grupo de Estudos do Pessoal Docente do Ensino Secundário (GEPDES), o assumir de uma clara rutura com a progressiva degradação para que foi conduzida a estrutura sindical então existente.

Hoje, para mim, continua a surgir como imprescindível a presença do SPN como instrumento para a defesa dos direitos dos professores. Um SPN que se caracteriza, desde a sua origem, como representativo, democrático, reivindicativo e de classe, defensor dos interesses dos professores, da educação e da cultura, como organização forte, combativa e propositiva – um sindicato com uma atividade que se encontra compaginada com os princípios que norteiam o movimento sindical unitário e que tem um lugar de destaque na Federação Nacional dos Professores (Fenprof).

Recordo que comecei a minha aprendizagem sobre o papel e a atividade de um sindicato dos professores no início de 1976, com o apoio de membros da Direção Provisória do Sindicato dos Professores da Zona Norte (SPZN) e, em particular, do Costa Carvalho – cuja experiência vinha do núcleo originário do GEPDES e da atividade desse Grupo antes do 25 de Abril – e da Teresa Maia Mendes.

A partir das primeiras eleições realizadas, começou a assistir-se a uma progressiva degradação da atividade sindical. O SPZN deixou de nortejar a sua atividade pela defesa dos interesses dos professores para se limitar à defesa dos interesses dos seus dirigentes.

Ao abrigo do direito de tendência, fui desde então membro do Conselho Fiscal, em representação da lista opositora que integrei, e participei na atividade sindical do Ensino Superior, no distrito do Porto. Mas esta atividade era apenas tolerada, e só permitida na medida em que não prejudicasse os interesses da clique dirigente. Progressivamente, fomo-nos apercebendo que não andávamos ali a fazer nada.

Numa altura em que se avizinhavam negociações e importantes batalhas do ponto de vista socioprofissional, as ligações com os professores tinham sido quebradas e os próprios professores tinham consciência disso. Tornou-se claro que era necessário avançar por outro caminho. E isso foi evidente na inesquecível assembleia de 15 de outubro de 1982 na Escola Secundária Rodrigues de Freitas, onde foram tomadas as medidas necessárias para construir uma nova vida sindical, para criar um sindicato que representasse a força e a vontade dos professores do Norte.

Na altura, eu estava em Braga, a fazer o doutoramento na Universidade do Minho, mas não tive dúvida em integrar a Comissão Instaladora do SPN e em participar na elaboração dos seus estatutos. Uns estatutos que tinham em conta as experiências e propostas recentes do movimento sindical unitário e que traduziam a clara vontade de mudança que se exigia.

Mas o que mais me motivou foi, posteriormente, a oportunidade de criar a estrutura distrital de Braga a partir do nada. Fi-lo com a ajuda de professores que pouca ou nenhuma experiência tinham na área do sindicalismo. Mas que sentiam (todos eles) a necessidade de erguer o SPN, esta força que acabou por se transformar numa organização de prestígio.

Não tínhamos qualquer sede no distrito de Braga, apenas autorização para usar as instalações do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública. Porque durante o dia estávamos nas escolas, era lá que nos reuníamos semanalmente, à noite, com professores vindos também de Guimarães e de outros pontos do distrito.

Foi juntamente com eles, com a sua disponibilidade e com a sua imensa vontade de construir que aprendi a ser dirigente sindical. É essa força e essa vontade dos professores do Norte que estão registadas no ADN do SPN.



37 • ANTÓNIO AZEVEDO

O SPN RESULTOU DO INCONFORMISMO E DA MAIORIDADE DOS PROFESSORES

O que significa o SPN?...

Questão simples, mas de difícil resposta, porque raramente o que dizemos reproduz com rigor o que sentimos, ou o que nos vai na alma. E falar do Sindicato dos Professores do Norte, quando está a completar 35 anos, é recordar e reviver alguns dos momentos mais marcantes do movimento sindical e da luta dos professores portugueses, num tempo em que ser professor era tão ou mais difícil do que é hoje. Tempos são tempos, e cada um é diferente do outro. Porém, os tempos passam e os problemas continuam, ainda que em dimensões e contextos temporais diferentes.

Não cabe, neste testemunho, individualizar ou enaltecer alguém em particular. Cabe, sim, dizer que foi um sonho que se tornou realidade, mercê do empenho e do querer de muitos professores que – não se revendo nem concordando com o caminho que a direção do Sindicato dos Professores da Zona Norte (SPZN), em particular a sua presidente, estava a querer impor aos associados – entenderam por bem arrear caminho e construir algo de novo e que sentissem verdadeiramente seu, ou seja, criarem uma nova estrutura sindical, conhecida de todos pela sigla SPN.

Recordo com saudade momentos e horas que passámos na pequena sala do velhinho e carismático edifício do saudoso jornal O Comércio do Porto e das muitas, e nem sempre concordantes, opiniões que nos moviam e ajudavam a passar o tempo. Foram decisões livres e abertas a todas as sensibilidades – e eram muitas, nesse tempo – que deram corpo e alma ao movimento do qual havia de sair o nosso querido SPN.

Foram tempos de luta pela dignificação da profissão e pelo reconhecimento e aprovação do Estatuto da Carreira Docente. Foram muitos avanços e recuos, sem dúvida, mas o caminho foi-se fazendo e, apesar dos muitos entraves e escolhos com que o movimento sindical se deparava, o nosso SPN nasceu e cresceu em força e dinâmica. Sem ele, e sem os esforços dos passados e atuais dirigentes, as muitas dificuldades que sentem hoje os docentes seriam bem maiores.

O SPN resultou do inconformismo e da maioria dos professores. Professores conscientes e unidos em torno de uma nova estrutura

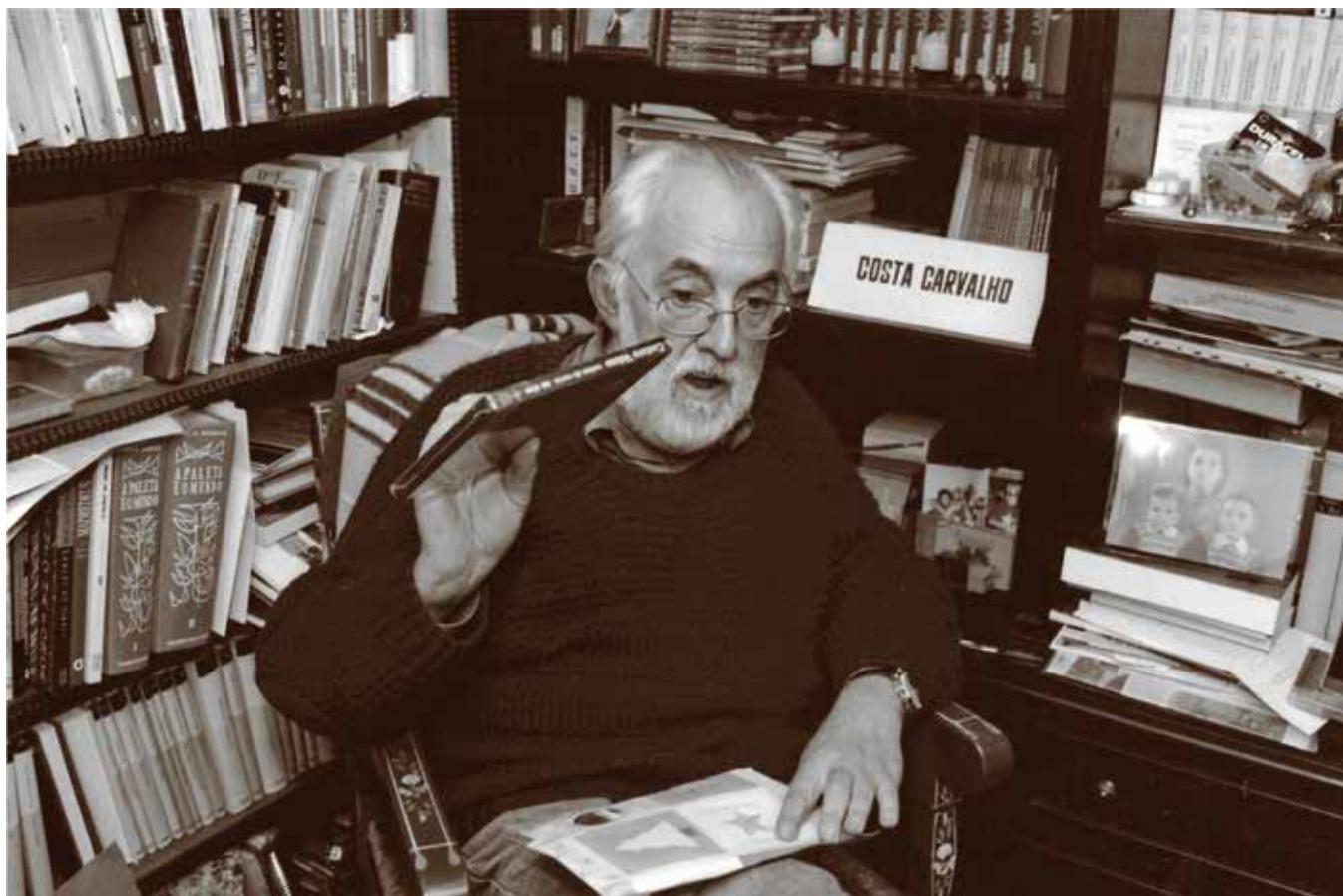
sindical que melhor respondesse aos imensos problemas que sentiam diariamente e que não viam a forma nem a vontade de os ultrapassar, antes se agravavam a cada dia que passava. O SPN significa, portanto, a resposta dos professores à inércia e ao modus operandi da direção do SPZN, sob a batuta da sua presidente, na altura mais empenhada em integrar a UGT do que pugnar pelos interesses dos seus associados. Mas isso são contos de outro rosário...

Contudo, os docentes mais jovens devem saber que muitos dos professores que criaram o SPN foram os mesmos que antes se empenharam na criação do SPZN. Devem saber, também, que só quando este deixou de corresponder aos anseios da classe optaram por criar um outro que, verdadeiramente, defendesse os seus interesses.

Assim, digo que o SPN significa a vontade, a determinação, a luta e o empenho na valorização da profissão e respeito pelos professores. O SPN foi a forma que os professores encontraram para não só fazer valer os seus direitos, como ultrapassar os muitos obstáculos que os governos semeavam no seu caminho, quase cirurgicamente, para arrastar no tempo a resolução dos muitos problemas com que se debatia a classe docente.

Por isso, apelo a todos, mas principalmente aos colegas mais jovens, para não esmorecerem nem se deixarem enredar em falsas promessas e que lutem e exijam mais e melhores condições de trabalho; que deem força ao SPN e apoiem e confiem nos seus dirigentes, também eles professores, pois são eles quem melhor sabem dar força e vigor à causa.

Na data em que se comemora o 35º aniversário do SPN, envio um abraço a todos quantos acreditaram e fizeram do sonho realidade, principalmente ao Mário, seu primeiro coordenador, à Ana Maria, à Teresa Maia Mendes (um ícone de força e resistência, sempre pronta a ajudar e a esclarecer), ao Paulo, à Dália, à Amélia e aos demais que, como eles, me merecem o maior respeito e consideração. Aos atuais dirigentes desejo felicidades, força e coragem para continuarem a fazer com que o nosso SPN se mantenha na senda e na vanguarda da luta pelos direitos e pela dignificação dos professores.



43 • ABEL MACEDO

O NOSSO SPN

Há 35 anos, em novembro de 1982, o Sindicato dos Professores do Norte (SPN) era criado através de um dos mais transparentes, democráticos e participados processos de ação sindical vividos até aos dias de hoje. Foram mais de cinco mil os professores que participaram na Assembleia Constituinte reunida para o efeito, nos dias 17 e 18 desse mês.

Os oito anos de democracia vividos até então mostravam já à sociedade como é possível que certas forças sindicais se acomodem no colo do poder político, esqueçam por completo os interesses dos trabalhadores que livremente assumiram representar e não hesitem em os deixar indefesos perante as diatribes e os arbítrios de quem temporariamente assume as rédeas do poder.

Não foi para isso que *Abril* se fez. Os professores do Norte perceberam-no claramente e de forma massiva encontraram a resposta, devolvendo à classe docente a estrutura de classe que lhe faltava: autónoma, digna e responsável, capaz de identificar os seus problemas e anseios e por eles pugnar livremente sempre que a luta se revelasse a única forma de atingir os principais objetivos dos professores. É mais do que pertinente lembrar hoje este processo, neste difícil arranque de século que traz consigo novos desafios, em que o sindicalismo docente está polvilhado de organizações que se reclamam sindicais, em que o neoliberalismo campeia e em que a palavra retrocesso entrou no léxico laboral e social, como se as alternativas tivessem deixado de existir.

Iniciámos o século com alguns, mais ousados e tomando o desejo por realidade, a anunciarem o fim do tempo dos sindicatos. Não foi por acaso que, no ano passado, aquando do 12º Congresso da Federação Nacional dos Professores, no Porto, reeditamos a *Recomendação UNESCO/OIT* sobre a profissão docente (de 1966), analisada e comentada com olhos de hoje, para mostrarmos a enorme atualidade dos compromissos ali assumidos pelos governos que a subscreveram. É que ela consagra, de forma inequívoca, o papel imprescindível dos sindicatos enquanto parceiros educativos e o protagonismo que deles se espera na construção do futuro.

Desenganam-se, pois, todos aqueles que querem reduzir os sindicatos ao papel de simples prestadores de serviços aos seus associados, que sejam apenas dóceis facilitadores da implementação das medidas educativas que os governantes impõem, que se resignem a um papel subalterno no quadro da intervenção política, esquecendo os princípios essenciais da sua criação e a sua opção por um sindicalismo progressista, de espectro amplo, voltado para a transformação da realidade e a construção de um futuro mais justo, mais humano e solidário.

É este o SPN que criámos em 1982, o SPN que somos ainda hoje e o SPN do futuro.



57 • JOSÉ LUIS BORGES COELHO

HÁ SEMPRE ALGUÉM QUE RESISTE

Cumprisse-se, por um passe de mágica, o que se contém naqueles 30 artiguinhos da Declaração Universal dos Direitos do Homem e – quer-me parecer – não seria preciso mais nada.

Mas não há passe de mágica. E as palavras com as quais é suposto entenderem-se os humanos servem-lhes, vezes de mais, para se desentenderem. Acresce que do supremo mandamento da união – daquele “... de todos os países, uni-vos” – colheu o mundo do trabalho, essencialmente, razões para se desunir.

Entram aí os sindicatos. Uns, cômnicos da importância crucial da união donde lhes veio o ser, a todo o custo a sustentam. Outros – e não são poucos – entregam-se a esfrangalhá-la.

A importância da congregação de vontades não podia deixar de se fazer sentir entre os professores. Vai daí, os mais atentos deles, na impossibilidade do sindicato no tempo da ‘outra senhora’, criaram um simulacro: *os Grupos de Estudo do Pessoal Docente*.

Não tardou a topá-los a tal ‘senhora’. Em menos de nada, estava a

equipará-los às associações clandestinas, que tipificava no PCP. E a cair na desvergonha de pressionar os diretores das escolas a denunciarem os professores suspeitos de frequentarem as clandestinizadas reuniões. [vi e li os papéis que um diretor, insubmisso, me pôs, com todas as cautelas, nas mãos]

Não adiantou à dita ‘senhora’: “*há sempre alguém que resiste*” – não se encolheu a rebeldia. Certos professores continuaram a encontrar-se. Em casas particulares, para não comprometerem ninguém. E foi assim, a encontrar-se e a reivindicar, que lhes chegou o *25 de Abril* e a liberdade sindical. Os *Grupos de Estudo* podiam, finalmente, ser o que desde sempre tinham querido ser: os almejados sindicatos. Só que, a breve trecho e a Norte, houve que refazer caminho. O sindicato ‘desavinhará’: desatara a alinhar com os que esfrangalhavam a união. E aí está, 35 anos volvidos, o Sindicato dos Professores do Norte a prosseguir a grande luta... Até que se cumpram os tais 30 artiguinhos!... Cumprido o ‘passe de mágica’: uni-vos!



66 • ANA MONTEIRO AGUIAR

O QUE TEMOS É PARA SER RESPEITADO E CONTINUADO!

É difícil colocar em palavras os 'meus' 35 anos do Sindicato dos Professores do Norte, tantos são os momentos...

É recordar rostos, memórias e trabalho. Para alguns, o SPN resume-se a trabalho sindical, foi para isso que foi criado. Mas neste momento, apetece-me lembrar o que foi o 'nosso começo', porque este coletivo de hoje foi construído lá atrás.

Começámos na Rua António Carneiro, continuámos na Barão de S. Cosme e chegámos à atual sede, no edifício Cristal Park. Tanto caminho percorrido, tantos rostos, tantas emoções, mas sempre com o mesmo objetivo – construir um sindicato de professores, com os professores e para os professores.

Não vou nomear pessoas com medo de me esquecer de alguém, o que não seria justo. Mas parece-me importante recordar momentos. Quando começámos não tínhamos nada, ou quase nada, mas tínhamos material humano. Assim, o começo foi com almofadas no

chão, algumas mesas e cadeiras dadas pela Escola Popular de Educadoras de Infância do Porto... Sempre que era preciso ir a Lisboa, por exemplo, havia sempre o carro de uma dirigente disponível com o depósito cheio. Cartas para pôr no correio, nos Aliados? O dirigente que fosse aos correios pagava os selos... E assim foi até construirmos uma base económica sustentável.

Nestes vários capítulos, que nos tornaram o que somos hoje, não podemos esquecer os funcionários, que eram mais do que membros da equipa e, sim, considerávamos família.

Partilharam-se gravidezes, crianças a tornarem-se adultos, alegrias e perdas. Havia união: onde um fosse almoçar, iam todos; havia cuidado, atenção e consideração ao próximo. Todos trabalhavam para o mesmo objetivo.

Sei bem que hoje os tempos são outros, mas não podemos perder a essência do SPN. O que temos é para ser respeitado e continuado!



81 • AMÉLIA LOPES

SABÍAMOS QUE A AÇÃO SINDICAL ERA PARTE INTEGRANTE DO PROFISSIONALISMO DOCENTE

1982. A luta pela qualidade da educação e das condições de trabalho dos professores revelava-se absolutamente necessária e esse era o tempo exato que outros, antes, tinham ajudado a tornar possível. Entre as muitas pessoas que naquele dia ocupavam a entrada da casa na Rua António Carneiro, lembro-me, como se fosse hoje, de José Gomes Bento.

Eu era jovem, muito jovem, e embora com experiência como dirigente associativa não estava nos meus planos a coordenação sindical. Fiquei surpreendida com a ideia, mas o desafio aparecia-me na continuidade da minha formação. Tínhamos estudado o livro do Bento e sabíamos que a ação sindical era parte integrante do profissionalismo dos professores – um pouco mais tarde Stephen Stoer falaria disto mesmo – e que era preciso incrementá-la. Começou então a tarefa incomensurável de criar uma estrutura,

uma organização, uma rede de comunicação, mobilização – sem telemóveis, sem internet, sem computadores...

Lembro a disponibilidade de todos os meus colegas da direção, o incansável apoio e conselho avisado da Teresa Maia Mendes, a partilha dos muitos, muitos contactos telefónicos e endereços que me permitiram a comunicação com pessoas-chave por esse Norte fora. Lembro aquele sábado à tarde em que, com um grupo de amigas e amigos já sindicalizados, selámos e escrevemos os endereços de centenas de cartas – um esforço necessário de que depois recolhemos os frutos.

Era claramente o início do início de um sindicato que, passo a passo e de forma consistente e diversificada, se tornou uma referência para os professores. Tenho muito orgulho em ter feito e em fazer parte dele.

SÓ VOZES UNIDAS ATINGEM O CLAMOR QUE VENCE BARREIRAS

Tenho orgulho em ser a sócia nº 91, com o cartão de dirigente do Sindicato dos Professores do Norte (SPN). Neste momento, dele fazem parte milhares de associados. Talvez por esta razão, por ser uma das primeiras pedras, já gasta, deste longo caminho percorrido, me tenha sido pedido um pequeno testemunho sobre a minha vivência como sindicalista.

Fui desde a primeira hora sindicalizada e delegada sindical do então Sindicato dos Professores da Zona Norte (SPZN), em 1978. Houve, nos primórdios do *25 de Abril*, uma adesão enorme de professores à atividade sindical. Não decorrido muito tempo, porém, este sindicato foi seguindo uma orientação que não agradava a um grande número de professores nele integrados. Partiu-se, por isso, para a formação de um novo sindicato. Criaram-se listas para as primeiras direcções, nas quais figurou o meu nome. Muitos foram os professores que aderiram ao atual SPN. O anterior manteve-se, mas com muito menos associados.

Sempre acreditei no associativismo e na força de um coletivo, sempre orientei o meu percurso de vida dentro de um espírito de solidariedade e fora das estreitas margens do individualismo. Julgo que foi esta a principal razão para me sentir tão empenhada nesta atividade pela vida fora. Mantenho-me sindicalizada apesar de aposentada há 17 anos.

Nunca obtive qualquer benefício que não fosse o do coletivo dos associados. Embora o sindicato defendesse também as minorias, fiz parte de minorias que não obtiveram êxito, mas mesmo injustiçada, nunca abandonei a luta. E foi a crença nessa força do associativismo que sempre me estimulou.

Muitas foram as batalhas que a nova escola, a do *25 de Abril*, impunha ao professor. E o grande trabalho foi remexer no estabelecido, romper com a rotina da acomodação.

A nova escola exigia uma mudança total de mentalidades. E as mentalidades não se mudam do dia para a noite. É preciso coragem e, acima de tudo, persistência e paciência. Nem sempre há acordo nos caminhos seguidos, e daí a tendência para a culpabilização do sindicato, como se de uma instituição abstrata se tratasse – o sindicato somos todos nós.

É justo, também, assinalar a abertura aos professores não sindicalizados na ajuda de problemas específicos. Pena que nem sempre o reconhecessem e, bem pelo contrário, tivessem sido eles os primeiros a atear as críticas, a furar greves e a desvalorizar a força sindical.

A Educação não é percepção passiva dos fenómenos, mas interiorização permanente que transforma, que enriquece, que dignifica. E o professor é o grande agente da mudança. O sindicalismo alimentou a dinâmica dos tempos. Muito havia a fazer para a dignificação da carreira, para a defesa dos direitos, para o melhor desempenho dos deveres.

Na senda da luta pela Gestão Democrática, pela criação do Estatuto da Carreira Docente, do Conselho Pedagógico, da Lei de Bases do Sistema Educativo, do Projeto Educativo, da luta contra a exclusão,

muitas foram as vitórias e as batalhas ganhas, ainda que com sabores e algumas desilusões.

O grande estímulo era a crença numa escola diferente, mais digna e dignificante. E as gerações de hoje herdaram uma escola bem diferente da escola de antes do *25 de Abril*. Embora com alguma réstia de esperança, acredito que neste momento o trabalho e a vida de um professor estão muito longe de serem um mar de rosas. Cabe a esta nova geração tudo fazer para que não se deixe resvalar o ensino para os mesmos caminhos do antigamente.

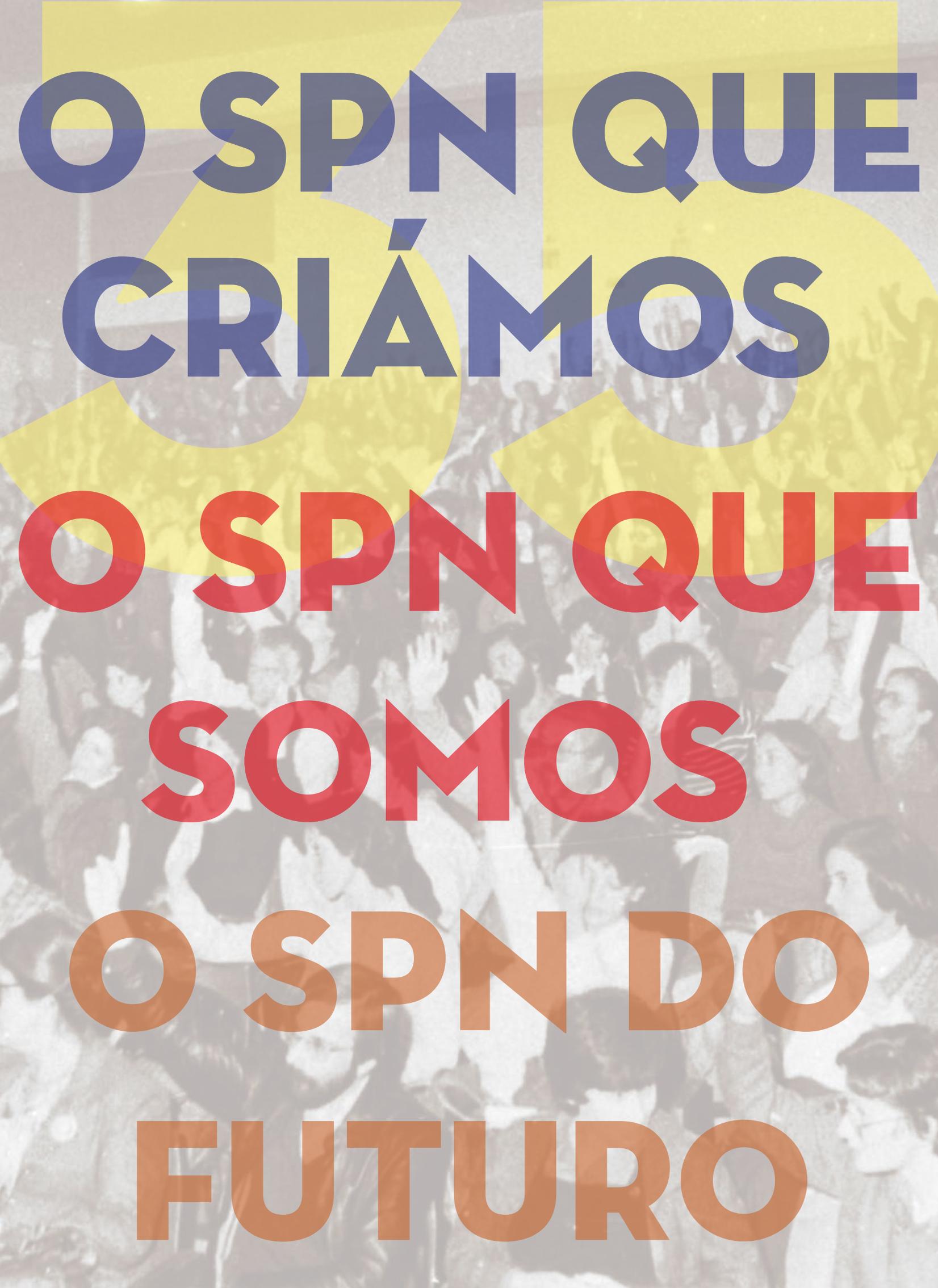
Se é verdade que muitas das conquistas se perderam, é também verdade que a escola de hoje ainda preserva muito do que os mais velhos conseguiram. E a luta só tem sucesso com a força da união. Só as vozes unidas atingem o clamor que vence barreiras. Só a força de um sindicato pode levar ao êxito. Isolados, por mais que se vocifere, ainda que com a legitimidade da indignação, não se vai a lado nenhum. A história do sindicalismo assim o tem demonstrado. O sindicalismo foi a primeira escola do proletariado, ensinou-lhes que a solidariedade estava no centro do combate organizado. Essa organização foi muitas vezes conseguida tateando, refletindo, deixando que a razão encontrasse o caminho na ação coletiva. O papel dos sindicatos foi ganhando força através dos tempos, mas infelizmente há sindicatos onde o papel nem sempre é o da defesa dos trabalhadores.

Se é um facto que a maior parte dos dirigentes sindicais saíram das fileiras da classe trabalhadora, tendo eles próprios sofrido na pele os problemas, é também verdade que alguns depressa esqueceram esse passado e se instalaram como meros funcionários. Cabe por isso aos associados a vigilância, a presença, o constante avivar das consciências, o revitalizar das estratégias para não deixar enfraquecer ou morrer o verdadeiro espírito desta força, que tudo tem feito, através dos tempos, para que a humanidade ainda se mantenha de pé.

A Escola necessita de apoios, estímulos, inteligência, competência, arte e um apego incondicional à verdade. A verdade e a razão são os grandes baluartes da vida e da luta pela cidadania e pela felicidade. Só assim se pode transformar em vivência a grandeza do simples, a riqueza do complexo, a beleza da arte, o sonho da liberdade.

O professor é o grande agente da luta e da mudança. Cabe-lhe a tarefa mais bela da humanidade, a tarefa de ensinar, fazer crescer, formar mentalidades, criar cidadãos pensantes, livres e felizes.

Ser professor é uma honra. Vale a pena trabalhar pela dignificação da nossa carreira, pela dignificação da escola. Mas só unidos podemos ganhar pequenas lutas e grandes batalhas. Só com a força intrínseca de cada um, cimentada na força de uma unidade coletiva, norteadas pela cultura e pela justiça, se pode vencer a escuridão e o medo, manter a luz da esperança na busca do verdadeiro sentido da vida. A escola tem um enorme potencial, onde todos podemos ensinar e aprender. Vale a pena abraçar utopias e dar força ao sonho para construir o futuro.



**O SPN QUE
CRIÁMOS**

**O SPN QUE
SOMOS**

**O SPN DO
FUTURO**